Tessituras

Elizabeth Marinheiro
Especial para A União

Palimpsestos

Um ensaio do escritor Germano Romero afirma que "O saber adquirido precisa brotar das reflexões para florescer com a serenidade, com a expansão progressiva da consciência 'Isto também passará'" (**A União**, 15/01/2026). Saber e consciência são atributos da condição humana que ora são preservados, ora estigmatizados.

Não passarão a potência do aprendizado, nem a grandeza das reflexões; passarão o imperialismo capitalista, a maldade contra os animais abandonados, as guerras mundiais/regionais/familiares ditadas por cobiça do elenco de podres etc.

Um palimpsesto antidogmático, edificado com *A Realidade*, de Persival Henriques de Souza, evidencia as sérias dúvidas norteadoras das mídias digitais e redes sociais; o sotaque erótico nas obras de Irene Dias Cavalcanti, particularmente em *Lirerótica* e *Os Dias e Noites*, que para Neide Medeiros Santos são "Memórias" que "não se enterram".

Por sinal, o projeto Mulheres que Fizeram e Fazem a História na Paraíba, de Neide, comprova sua fecunda produção literária, nega "o medo das sombras" e afirma a segurança do seu próprio conhecimento crítico.

O poder da recordação também não passará porque traz, novamente, ao coração momentos, fatos, autores literários e paraliterários significativos.

Trago à cena o Rio de Janeiro. Corcovado, Pão de Açúcar, a TV Tupi com Bibi Ferreira, a confeitaria Colombo e seus espelhos de cristal, a origem das empresas Globo, a Sala Cecília Meireles, o Museu da Imagem e do Som e a Academia Brasileira de Letras, cenários das apresentações dos corais falados pertencentes à Fundação Artístico Cultural Manuel Bandeira.

Foto: Divulgação/Kattleya

"Raniere Leite Soares casa charges e cartuns e acresce a semiótica verbivisual"

Corro à banca de revistas temendo o esgotamento do jornal *Pasquim* com Ziraldo, Jaguar, Henfil e seus cartuns atemporais, humorísticos, críticos e permeados de humor. Penso, agora, numa pesquisa em torno do trabalho de Deodato Borges, pioneiro do quadrinismo em Campina Grande.

É certa a distinção: a charge é mais ligada às figuras públicas e os cartuns adotam reflexões mais duradouras na direção dos costumes e tipos sociais, porém ambos os estilos embasados na ironia amena e humor sarcástico.

Já Raniere Leite Soares, em *Uns Cartuns*, casa charges e cartuns e acresce a semiótica verbivisual. O repertório é lapidar: "Ainda bem que surdo" quando se ouve "Beethoven fora de época" (p. 54): a demagogia dos poderes; "Um personagem desmaia quando pula da caixinha a suástica de Adolf Hitler" (p. 59): implícito protesto ao nazismo. Um elenco de famintos e a seca no Nordeste (p. 56): demagogia dos poderes.

O trabalho paraliterário dos autores, citados nestas tessituras, passará ao nosso repertório de apotegmas.

Ao fim, ficará a Semiótica — ciência de todos os signos — protagonizada por Décio Pignatari e Lúcia Santaella, autores que sublinharam a crítica sócio-política, o coloquial científico, o fantástico todoroviano, a ironia cáustica, simultaneamente, humanística, como vórtices do bom quadrinismo.

Palimpsesto sim, "leitura de segunda mão", jamais.

Funes Cultural

Fundação Ernani Satyro

Um poeta jovem entre Patos e as raízes do Sertão

Francisco Anderson Mariano da Silva

Thiago Laurentino, 24 anos, é daqueles nomes que lembram que a cultura nordestina não depende apenas de "tempo de estrada", mas de vivência. Nascido em Patos e com laços profundos em São José de Espinharas, ele transita entre o cotidiano administrativo — atuando na gestão pública, em funções de responsabilidade e rigor — e a delicadeza de quem escolhe a palavra como instrumento de memória. Essa dupla pertença (cidade e interior, rotina técnica e criação poética) aparece como marca de uma geração que não separa trabalho e identidade, já que organiza processos durante o dia e organiza sentimentos no verso, sem abrir mão do chão de onde veio.

O início declarado de sua caminhada poética tem data e cenário: janeiro, numa cantoria com mestres do repente. Ali, mais do que "nascer poeta", Thiago percebeu que a poesia popular funciona como rito de passagem: você entra como ouvinte e sai com vontade de responder ao mundo em forma de verso. Mesmo sem domínio inicial de métrica e rima, ele foi aprendendo o artesanato da palavra — entendendo estruturas, cadências, rimas e modalidades — até transformar intuição em linguagem. Nesse processo, a cantoria não é só entretenimento; é uma instituição cultural que ensina disciplina, escuta e respeito à tradição.

Se há um eixo emocional que sustenta a narrativa de Thiago, passa pelos avós e pela fé. Criado com presença intensa da família, ele associa sua formação de caráter ao modo "firme" de educar e à convivência com rituais simples, como rádio ligado em cantorias, conselhos cotidianos, oração como abrigo. A religião, no seu caso, não surge como adorno, é linguagem de mundo. Ao falar de devoção, de confiança e de esperança, ele expõe um traço muito característico da cultura sertaneja: a espiritualidade como força para atravessar perdas, secas, silêncios e recomeços.

> **Aprender**
>
> **Thiago percebeu que a poesia popular funciona como rito de passagem: você entra como ouvinte e sai com vontade de responder ao mundo em forma de verso**

A poesia de Thiago alimenta-se do que ele chama de "derramamento": experiências vividas, cenas ouvidas, lembranças que se impõem. Amor e saudade aparecem não como clichês, mas como matéria ética. Ele recusa-se ao "jogo do desinteresse", assume intensidade e transforma contradições em texto. O resultado é um repertório que atravessa paixão, desengano, raiva e reconciliação consigo mesmo — sempre com a tentativa de preservar a classe do verso, mesmo quando a emoção é áspera. Essa postura revela um aspecto cultural importante, pois na poesia popular, o sentimento não é fraqueza, é combustível narrativo e espelho social.

O alcance digital virou ponte. Uma colaboração decisiva com um poeta consagrado impulsionou seguidores e, principalmente, confiança. A validação simbólica de alguém respeitado abre portas onde o mercado cultural costuma ser estreito. Ao mesmo tempo, ele percebe o paradoxo contemporâneo, no qual desconhecidos incentivam, enquanto parte do círculo próximo silencia. Ainda assim, Thiago insiste em divulgar, organizar repertório e sonhar com projetos maiores — como reunir poemas, ordenar cadernos, preservar textos e, futuramente, publicar. Nesse ponto, sua fala toca uma ferida recorrente: a fragilidade do apoio institucional local a artistas e poetas. Mesmo em territórios onde a cantoria e a poesia são patrimônio, o investimento público muitas vezes é mínimo, quando não inexistente. A cultura resiste, mas poderia florescer com mais estrutura, agenda e valorização.

A trajetória de Thiago Laurentino evidencia que cultura não é peça de museu: é prática diária, memória em movimento e linguagem de pertencimento. Sua poesia nasce do Sertão, mas conversa com o presente — com *internet*, com novas audiências, com a necessidade de reconhecimento e com o desafio de continuar quando a empolgação passa. Entre a fé e a disciplina do verso, entre a saudade familiar e a sede de futuro, ele representa um tipo de artista que sustenta a cultura popular por dentro. Não apenas declama, mas preserva modos de sentir, narrar e existir. E, num tempo de pressa e superficialidade, isso é, por si só, um serviço cultural.

Leo Barbosa

portuguesleobarbosa@gmail.com

Ler na era digital

Ler é uma das maiores habilidades que o cérebro humano é capaz de desenvolver e nós desenvolvemos diversas competências através da leitura. Isso pode ser comprovado a partir da obra *O Cérebro no Mundo Digital – Os Desafios da Leitura na Nossa Era*, de Maryanne Wolf (Contexto, 2019, 256 p.). A autora, neurocientista e psicóloga do desenvolvimento, é uma das maiores autoridades no estudo do letramento. Nesse livro, escrito sob a forma de cartas ao leitor, fica evidente a sua preocupação em analisar as mudanças cognitivas que ocorrem quando migramos da leitura em papel para o suporte digital.

A premissa fundamental de Wolf é que os seres humanos nunca nasceram para ler. Diferente da linguagem oral, que possui uma base genética inata, a leitura é uma invenção cultural que exige que o cérebro recicle e conecte estruturas originais — como a visão e a audição — para formar um circuito inteiramente novo. Por ser dotado de neuroplasticidade, esse circuito é maleável e adapta-se ao meio em que a leitura é realizada.

É nítido que o estímulo digital é outro. Nas redes sociais e telas, nossos olhos realizam sacadas mais rápidas, adotando um estilo de leitura em "f" ou ziguezague, buscando apenas palavras-chave e conclusões rápidas. Esse comportamento, que Wolf chama de "paciência cognitiva" em declínio, dificulta o acesso à leitura profunda, que envolve processos como empatia, análise crítica, raciocínio analógico e reflexão pessoal.

> **Nas redes sociais e telas, nossos olhos adotam um estilo de leitura em "f" ou ziguezague**

Maryanne é enfática ao dizer que não é contra a *internet*; ela inclusive defende o uso de *tablets* para promover o letramento global em áreas sem escolas. No entanto, ela nos alerta para o risco de nos tornarmos "consumidores de banda larga" de informação, mas incapazes de meditação profunda. Em um relato pessoal e corajoso, a autora descreve como sua própria imersão digital a impediu temporariamente de reler um livro denso de Hermann Hesse, revelando que até leitores experientes podem ter seus circuitos "contaminados" pela rapidez das telas.

Para as crianças, o desafio é ainda maior. Wolf descreve o impacto da "atenção parcial contínua", na qual os jovens, expostos precocemente a múltiplos estímulos, desenvolvem uma "mente de gafanhoto", saltando de uma tarefa a outra sem consolidar a memória de trabalho ou o conhecimento de fundo necessário para inferências futuras. O iPad, muitas vezes usado como uma "nova chupeta", pode estar criando uma geração com dificuldades em lidar com o tédio, que é o prelúdio necessário para a criatividade.

Quem são, então, os "bons leitores" desta época? Para a autora, são aqueles que desenvolvem as três vidas da leitura: a da informação, a do entretenimento e, crucialmente, a da contemplação. Para garantir esse futuro, a cientista propõe a construção de um cérebro duplamente letrado (biliterado). A ideia é ensinar as crianças a alternarem códigos: o meio impresso para o desenvolvimento da leitura profunda e da escrita à mão, e o meio digital para habilidades de programação, codificação e sabedoria digital.

O livro conclui com um apelo à preservação da democracia. Uma sociedade que perde a capacidade de ler em profundidade perde também a habilidade de avaliar criticamente a informação, tornando-se vulnerável a notícias falsas, demagogias e à "cultura da indiferença". "O cérebro leitor é o canário na nossa mente", avisa ela; ignorar as transformações que o mundo digital nos traz é pôr em risco a própria essência do pensamento humano. A obra é um convite a apressar-se devagar — em direção ao futuro, mas sem abandonar a morada que os livros construíram em nós.

Colunista colaborador